

## ■ POLÍTICA


**O BANCO PARA A PESSOA JURÍDICA**

# Cardoso diz que não existe oposição no Brasil

O presidente Fernando Henrique Cardoso disse ontem em Anápolis, numa reunião com o PSDB goiano, que não existe oposição no Brasil. Segundo o presidente, a oposição só diz não, sem apresentar propostas. “Quem faz o papel da oposição é a mídia, e faz bem feito”, afirmou. Na conversa com o PSDB, o presidente também falou de reformas, disse que as mudanças na previdência vão doer, mas que seria pior sem elas.

Sobre o programa de desligamento voluntário no Banco do Brasil, o presidente afirmou não ter direito de deixar que o povo pague pelo rombo do Banco do Brasil, “que está inchado”. “Se alguém tiver que perder o emprego, que procure outro”, disse. Quanto aos ruralistas, o presidente lembrou que é preciso uma política agrícola para definir o que plantar, quando plantar e onde plantar.

O presidente esteve em Anápolis ao retornar de Goiás Velho, onde participou do lançamento do pro-

grama de cestas básicas do Estado de Goiás.

Em Goiás, o presidente fez um discurso elogiando a receptividade da população e a administração do governador do estado. No lançamento do programa de cestas básicas, Cardoso disse que seu governo acabou com o assistencialismo. Eis a íntegra do discurso:

Hoje é um dia de muita emoção para mim. Primeiro, pelo povo de Goiás. Tendo desembarcado aqui, senti de imediato um povo generoso, de coração aberto e que recebe o presidente da República como ele gosta, como cidadão. Com fraternidade, com tranquilidade, sem pompa, mas com muito amor. Depois, porque vi diretamente a obra que está sendo feita aqui em Goiás pelo governador Maguito Vilela e pelo seu secretário.

E para quem tem os olhos já cansados de tanto ver coisas nem sempre boas, quando se vê um governador que está acertando, que está atingindo o coração do povo, porque está agindo como o povo necessita, isso dá alegria e renova esperanças em todos nós.

Mais tarde, fui ao Palácio dos Arcos, encontrar com familiares meus. A imensa maioria dos

quais eu não conhecia, mas recebi o mesmo carinho como se fôssemos companheiros de toda vida. Agora, ao ouvir o discurso aqui do nosso prefeito, que mencionou meu bisavô, que foi governador de Goiás um par de vezes, foi deputado, foi senador estadual, o que eu gostei foi do que ele disse, que no fim da vida ele recebeu um título do império, brigadeiro. Não era militar, era um título. Mas brigadeiro dos índios. O que quer dizer isso? Pessoa encarregada de proteger as comunidades indígenas. Ao invés de se colocar, portanto, como alguém de cima, contra os de baixo, fez o contrário, o meu bisavô. Procurou expressar os sentimentos daqueles que mais precisavam na época, que eram as comunidades indígenas de Goiás. Esse espírito que é o espírito que preside hoje de novo o Brasil, são novos tempos.

Nós hoje estamos aqui numa cerimônia de lançamento de cestas básicas. Estas cestas serão entregues a pessoas que foram cadastradas, porque necessitam, disse o governador, e isso nos encheu de alegria. Que não haja ninguém com fome em Goiás, que não haja ninguém com fome no Brasil. Para isso, não é preciso muita coisa, é preciso que haja organização e solidariedade.

Em primeiro lugar, a organização do próprio povo, porque, sem que o povo se organize pa-

ra saber se de fato a cesta está indo para quem necessita e sem que o povo receba altanciramente as cestas, elas deixam de ser um elemento de libertação para ser um elemento de sujeição. Isso nós não queremos e nós hoje estamos destruindo uma filosofia antiga.

**“É preciso que o povo se organize para garantir uma distribuição justa da cesta”**

Hoje, governo federal, prefeitos — há tantos aqui a quem eu saúdo —, vereadores — e há tantos aqui a quem eu saúdo também —; prefeitos, vereadores, governo estadual, governo federal, que se unem e não querem saber quem deu o quê, querem saber o que o povo precisa e querem ver de perto, através dos Conselhos da Comunidade Solidária, que não pertencem ao governo, mas que são da sociedade e dos vários órgãos que existem aqui na localidade, se tudo está sendo feito corretamente.

Eu aprendi muito neste processo quando era ministro da Fazenda, e houve uma seca muito dura no Nordeste. Lá, as comunidades se organizaram: as igrejas como aqui, os sindicatos, as prefeituras; e ao invés de manter a indústria da seca, pedir verbas e as verbas não chegando

nunca a quem precisava, as verbas foram parar nas mãos de quem precisava. Os recursos foram muitos, foram quase 2 bilhões de reais durante quase um ano, mas chegaram ao povo.

Nós estamos destruindo um Estado assistencialista. E podem dizer: bom, se não é assistencialista por que dá a cesta? Porque isso não é assistencialismo no mau sentido, é atender o povo naquilo que ele necessita e merece e exige do governo. Não é o governo quem dá: é o povo que trabalhou e precisa.

Nós estamos destruindo práticas antigas. Fechamos ministérios que estavam encarregados de fazer a sujeição dos governadores ao governo federal, e dos prefeitos aos governadores. Estamos substituindo esse mecanismo pela transferência direta dos recursos. Aqui foi vista uma diretora de escola recebendo dinheiro. Não é bem o secretário de Educação mais, é a diretora da escola quem recebe diretamente a parcela, porque é ela quem vai usar, e vai usar bem. E não vai precisar de intermediário. Não precisa de um agente político para arrancar lá de cima o dinheiro, porque esse dinheiro veio daqui de baixo, veio do povo, e vai diretamente para onde é necessário.

Nós estamos refazendo as práticas e é difícil como se relaciona o governo federal com o governador estadual e com o governo municipal. Nós estamos

tirando um poder, poder que não serve para nada, a não ser para humilhar, que era o poder do governo federal de segurar as verbas, reter e negociar politicamente. Nós não queremos esse poder.

O poder que nós queremos é o da convicção, é de quando nós dissermos ao País “essa reforma é necessária”, o País compreenda que ela é necessária, não porque o prefeito foi comprado por favores — porque não seria — ou o governador, ou o deputado. Mas porque o povo sentiu que é necessário, o prefeito sentiu, o deputado, o senador e o governador. É outro mundo e isso não é virtude minha, isso é o País que já mudou. E esse País que já mudou, mas ainda hoje distribui cestas. Dias felizes serão aqueles em que nós não tivermos que distribuir cesta alguma, porque cada um vai ter trabalho digno e salário justo para sua família.

Isso nós faremos. Não farei eu, não fará o Maguito, não fará o Curado, não fará a Igreja, não fará o sindicato, não será de um momento para o outro. Faremos todos juntos, e leva tempo. Não se produz de um momento para o outro.

Ainda agora, a questão da saúde que me preocupa tanto. Eu fui verificar os dados. O que eu tinha dito na minha campanha era que ao fim do governo nós distribuiríamos per capita, R\$ 84; naquela época falava-se

dólares. Pois bem, nós já superamos essa marca hoje e, não obstante, concretamente não sei se a saúde melhorou, porque não basta dinheiro, é preciso rever também as práticas, a gestão, a administração, a dedicação de cada um no desempenho da sua missão como funcionário público, como médico, como professor, como engenheiro, como sergente, como o que seja. Não vai bastar dar mais dinheiro. Dinheiro ilude também. As verbas às vezes são mais vultosas do que o necessário, e onde elas são necessárias, não chegam.

É preciso verificar se a gente consegue fazer com que cheguem lá na ponta da linha, e isso não pode ser feito com espírito simplesmente de olhar de cima. É preciso que a sociedade se organize, que a sociedade, ela própria, obrigue de alguma maneira a cada um de nós, inclusive os cidadãos, que nós todos cumpramos a nossa parte de responsabilidade.

**“Dias felizes serão quando cada um terá um trabalho digno e salário justo”**

Eu não tenho do que me queixar nestes seis meses de governo, do apoio que tive de Goiás, enorme apoio, dos deputados,

dos senadores, do governador, dos prefeitos, enorme apoio. Dos senadores que estão aqui, de quem não está aqui, mas está bem representado por sua senhora. Não tenho nenhuma queixa. Todos estão entendendo isso. Aliás, não há por que se queixar nunca, o que nós temos é que nos motivar.

Eu tenho certeza que esse povo de Goiás, desta cidade de Goiás, esse povo bom que aqui está, que nos recebeu com tanto carinho, que está sendo governado de portas abertas, ele pode confiar em si mesmo. Confiando em si, caminhando firme, de cabeça erguida, não tenham dúvidas de que encontrarão no presidente da República sempre uma pessoa disposta a, se errar, corrigir, e, enquanto possível, acertar. Uma pessoa que só vai saber se realmente acertou, quando, não só no seu próprio julgamento mas também no julgamento dos seus concidadãos, perceber que efetivamente o rumo traçado é o correto e que nós estamos pavimentando este caminho para dias melhores.

E tomara que estas pedras tão densas de história da cidade de Goiás, que pavimentaram esta cidade, nos sirvam de inspiração para que nós todos juntos possamos construir com a mesma força destas pedras um caminho para o Brasil que dê novamente dignidade ao seu povo.

Muito obrigado a vocês de todo coração.